

Universidade Federal Fluminense
Programa de Pós-Graduação em Antropologia-PPGA/Uff
Disciplina: **PROBLEMAS DE ETNOLOGIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**
Professora: Tânia Stolze Lima
2º semestre/2013

— cosmopolíticas, multiplicidades e ontologias xamânicas —

Trabalho final:

Arte Parietal Paleolítica como proposição cosmopolítica:
uma investigação batesoniana

Mônica Cavalcanti Lepri

Niterói
verão de 2014

"A religião é unificadora e antiga; enquanto a magia é separadora, degenerada e recente."
Gregory Bateson

O foco deste trabalho é investigar o uso de algumas idéias de Gregory Bateson na exploração do universo de sentidos criado pela proposição cosmopolítica de Isabelle Stengers. Os dois epistemólogos da Ciência – o ícone por excelência da ontologia moderna e contemporânea – partilham a mesma ojeriza ao reducionismo cartesiano que a domina e às consequências ecológicas e políticas (nessa ordem, agora) desastrosas de sua fome canibal por energia e metais, que devora, sem culpa, os não-Um: povos outros, seres vivos não-humanos e as próprias entranhas do planeta que suportou (até hoje) os desatinos de nossa vaidosa espécie.

Como Bateson, Stengers quer "*fazer pensar*" para além da epistemologia hegemônica partilhada pelo conhecimento científico e pelo *senso-comum* (no sentido conservador gramsciano): ambos se arvoram dizer, sem estremecer, "*o que é*" e "*o que deve ser*". A capacidade de "*desacelerar os argumentos*", de criar "*uma ocasião para uma sensibilidade um pouco diferente com relação aos problemas e às situações que nos mobilizam*" é talvez um bom indício de autenticidade de uma proposição como cosmopolítica (Proposition Cosmopolitique/PC: 45). Apontando na mesma direção, Bateson chama a atenção para a importância do "*contexto do contexto*" do aprendizado, pois todo ser humano tem um segundo aprendizado ao aprender qualquer coisa, e esse "*aprendizado secundário*" é tão ou mais importante que o 'conteúdo' absorvido no processo, pois determina a própria capacidade de aprender do sujeito.¹

Por isso, Bateson teme os pesquisadores que nos levam onde até '*os anjos temem pisar*'

que pretendem serem úteis e necessárias as aplicações da ciência às quais eles se devotam [pois] seu entusiasmo febril encobre, na verdade, um profundo pânico epistemológico (Peur des Anges/PA: 30)

enquanto Stengers, olhando para os mesmos personagens, almeja que a cosmopolítica possa enfrenta-los gerando

uma idéia de ecologia política inassimilável pelos *stakeholders*, de forma a que eles não tenham meios de 'reconhece-la', nem de recrutá-la [já que] os empresários desprezam toda estabilidade ontológica, mesclando sem nenhum estremecimento os interesses humanos com os de não-humanos cada vez mais numerosos e díspares (PC 58-57).

A primeira idéia de Bateson que pode ajudar aos que se arriscam a construir tais contextos cosmopolíticos é a de que epistemologia e ontologia formam o 'par de oposição'² responsável pela ordem do mundo entre os humanos:

¹ A primeira vez que Bateson usa o conceito de "*aprendizado secundário*" é em 1942, comentando a resposta de Margareth Mead à demanda do governo americano de um "*plano*" para "*cultivar de forma intencional valores democráticos*" na cultura americana, como forma de prevenir o avanço de idéias nazifascistas: para ela, é essencial que os antropólogos que se engajem nessa tarefa "*reconheçam que trabalhar para fins predefinidos compromete-nos com a manipulação de pessoas, e, portanto, com a negação da democracia*" (Steps 166).

² No sentido que Radcliffe-Brown empresta a essa expressão, centrado na idéia de "*união dos postos tomada do Oriente por Heráclito e os pitagóricos* (...) [cuja] *mais completa elaboração pode ser encontrada na filosofia Yin-Yang da Velha China. A sentença que a resume é a seguinte: 'Yi yin yi yang wei tze tao': um yin e um yang fazem uma ordem*" (Radcliffe-Brown [1951] 1975: 206-207).

Filósofos reconheceram e separaram dois tipos de problema. Em primeiro lugar, os problemas de como as coisas são, o que é uma pessoa e que sorte de mundo é esse. Estes são os problemas da ontologia. Em segundo, os problemas de como podemos conhecer qualquer coisa, ou mais especificamente, como sabemos que sorte de mundo é esse e que tipo de criaturas somos nós para podermos conhecer algo (ou talvez nada) sobre esse assunto. Esses são os problemas da epistemologia. (...)

Na história natural da existência do ser humano, ontologia e epistemologia não podem ser separadas. Suas (em geral inconscientes) crenças a respeito de que tipo de mundo é esse determinarão como ele o vê e nele atua; e suas maneiras de perceber e atuar determinarão suas crenças sobre a natureza desse mundo. O ser humano está ligado a uma rede de premissas ontológicas e epistemológicas que, em certo nível, independe de um definitivo estatuto de verdade ou falsidade, e assim **se torna parcialmente auto-validante para ele.**

É incômodo referir-se constantemente tanto à epistemologia quanto à ontologia e incorreto sugerir que elas podem ser separadas na história natural humana. Parece que não existe uma palavra conveniente que dê conta da combinação destes dois conceitos. Daqui para frente **usarei o termo 'epistemologia' nesse ensaio para designar ambos os aspectos da rede de premissas que governa a adaptação (ou a inadaptação) ao ambiente humano e físico.**

Estou preocupado principalmente com esse grupo de **premissas sobre as quais o conceito ocidental de 'self' foi construído** e, inversamente, com **premissas que sejam corretivas com relação a alguns dos erros ocidentais mais gritantes associados a esse conceito.** (Steps: 319-320 – grifos meus).

A citação longa é precisa para sintetizar um dos 'nós' fundamentais do pensamento de Bateson. Pressupondo esse entrelaçamento 'mundo-visão de mundo' como motor da história comum, Bateson afirma, na Introdução de seu livro póstumo, *Angels Fear*, que vislumbrou como a epistemologia é de uma "ordem superior" que transcende a de todas as disciplinas científicas ao trabalhar em conjunto a ordem antropológica e ecológica que tecem o mundo de cada cultura. Já em 1980 ele nota que "está se tornando moda" entre os antropólogos estudar "a epistemologia local de cada povo, os padrões de seu conhecimento e os caminhos de sua reflexão" (PA: 23).

Ao aplicar esse olhar antropológico em direção à epistemologia local ocidental e ao que ela vem provocando no ambiente físico e humano, Bateson conclui:

Se continuarmos a operar em termos de dualismo Cartesiano mente versus matéria, nós provavelmente também continuaremos a ver o mundo em termos de Deus versus homem, elite versus povo, raças escolhidas versus outras, nação versus nação, e homem versus ambiente. É duvidoso saber se uma espécie que possui tanto uma tecnologia avançada quanto esse estranho modo de olhar para seu mundo pode perdurar. (Steps 343-344)

Que premissas outras poderiam funcionar como "corretivas" para os graves erros cometidos pela epistemologia que acredita que o 'livre-mercado-de-indivíduos-autodeterminados-por-um-propósito-consciente-e-racional-cria-o-melhor-dos-mundos-possíveis'? Os investimentos de Bateson são muitos nesse sentido, mas aqui nosso foco será a retomada da idéia religiosa de 'sagrado' - limite ontológico a ser respeitado em agradecimento e temor à divindade e sua obra – como fundamental à sua ciência, pautando a ética que a guia na relação com o "sistema ecológico mais amplo" ao qual somos imanentes, mas que nos transcende. O Deus-Eco que brota de tal ciência é mais severo e onipotente que a divindade mais onipotente e severa já imaginada por qualquer religião humana: ele governa um mundo sem 'Salvação' nem clemência, como Bateson tenta nos fazer vislumbrar com a seguinte parábola:

Quando o deus ecológico baixa os olhos e vê a espécie humana pecar contra sua ecologia (se engajando em uma glutoneria, procedendo dentro de uma ordem que não é a boa, ou querendo pegar atalhos), ele solta um suspiro e, *involuntariamente*, lança

poluição ou chuva radioativa. De nada adianta dizer-Lhe que a ofensa não foi assim tão grande e de todo modo vocês estão desolados e não farão mais: inútil também fazer sacrifícios ou oferecer um pote de vinho: o Deus-Eco é incorruptível – com Ele não se brinca (PA: 196).

Como um artista paleolítico, um monge zen ou um xamã amazônico, o cientista batesoniano pressupõe uma unidade imanente à multiplicidade da natureza que é de uma ordem superior – por isso 'sagrada' - àquela que configura cada uma de suas singulares criaturas. O koan zen, o devir outro do xamã amazônico, a percepção do "padrão que liga as criaturas vivas" do cientista batesoniano e o deslumbramento da arte parietal paleolítica configuram – em si mesmos – um contexto cosmopolítico que silencia o sujeito e o faz pensar. A interação de cada uma das quatro epistemologias locais com esta "unidade sagrada da biosfera" parece engendrar profícuas ocasiões "para uma sensibilidade um pouco diferente" que almeja a cosmopolítica de Stengers.

Vamos explorar essa idéia: epistemologias que pressupõem uma ordem do 'sagrado' são criadoras de contextos de "aprendizado secundário" propiciadores do "fazer pensar" cosmopolítico. Para tal, vamos usar como 'acervo etnográfico' as imagens paleolíticas das grutas de Trois Frères, Altamira, Lascaux e Chauvet e como guia o curto artigo chamado "Advogando contra o dualismo corpo/mente", no qual Bateson defende que a arte rupestre não tem necessariamente origem em um "propósito consciente" de cunho mágico:

Meus colegas antropólogos afirmam, **de encontro a todo senso estético**, que os afrescos paleolíticos eram práticas mágicas destinadas a permitir aos caçadores matarem os animais selvagens (Unité Sacrée/US: 388 – grifo meu).



Bisã Encolhido da Caverna de Altamira, 15.000 anos AP

Uma das mais importantes inversões da epistemologia proposta por Bateson é exatamente a do esquema evolucionista que enfileira Magia – Religião – Ciência como etapas naturais e necessárias da "Cultura". Embora ultrapassada no ambiente interno da disciplina, esta continua sendo a versão 'antropológica' mais usada por cientistas de fora das ciências humanas. Já para Bateson é exatamente o contrário: na origem, como nos informa o artista paleolítico, fomos religiosos, reverenciando como sagrada a multiplicidade de seres vivos que conosco compartilham o tempo, o espaço e as histórias:

...suas renas e bisões tão vívidos, tão precisos em suas posturas e movimento, talvez fossem uma forma de expiação, de unificação, pela matança? (...) Os rituais no início afirmavam a unidade do homem com o tempo, a paisagem, o animal e seus congêneres. Só mais tarde eles vieram a significar o controle apetitoso disso ou daquilo. O dualismo corpo/mente é apetitoso. (US 388)

Contudo, Bateson se pergunta se essa "religião não seria um ramalhete de dualismos – corpo/espírito, Deus/homem, e por aí vai?" E a resposta que ele mesmo dá é intrigante: "Efetivamente, o verme já se encontrava na maçã." E a seguir Bateson nos manda pensar na pintura parietal denominada "O Feiticeiro-Dançarino", da caverna Trois Frères³:



http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/3/31/Pintura_Trois_Freres.jpg/220px-Pintura_Trois_Freres.jpg

Até a descoberta da Caverna de Chauvet, em 1994 – que esticou em vinte mil anos a data do primeiro registro artístico humano –, o Feiticeiro-Dançarino de Trois Frères, com seus 15.000 anos de idade, era considerado o mais antigo desenho de cunho mágico produzido por nossa espécie: "cabeça de cervo de poderosa galhada, face de mocho, orelhas de lobo; braços de urso, o rabo de cavalo ou de raposa; apenas as pernas, o órgão sexual e a disposição o identificam como humano".

Logo a seguir no pequeno artigo, Bateson tece o seguinte comentário: foi esta **criação de um novo ente na ontologia de nossa espécie via arte**, isto é, o próprio desenho da figura de um homem-feiticeiro capaz, não de devir e honrar, mas de 'incorporar-a-sí' outro animal, anulando sua identidade/alteridade, que inoculou o germe do dualismo corpo/mente na epistemologia humana:

a religião só foi capaz de propor o dualismo de uma maneira gráfica, por meio da santificação de personagens mascarados. Encontramos um deslizamento do dualismo de 'um homem por trás da máscara' ao 'louco possuído pelo diabo', à 'experiência fora do corpo' e ao 'dogma da transubstanciação'. Quem pode se proclamar livre desta esquizofrenia – esse hábito de falsa concretização – que identifica a metáfora ao seu referente? (US 386).

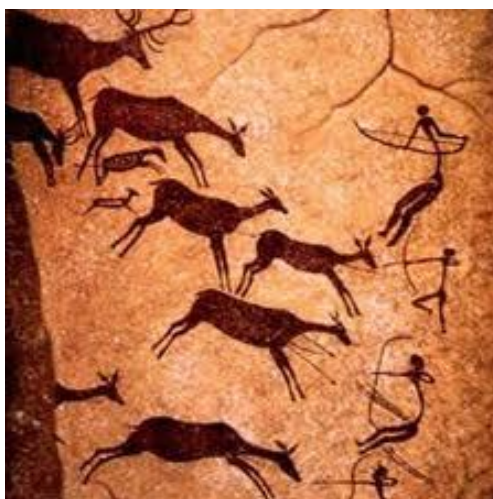
Essa "falácia da concretude deslocada",⁴ na qual se acredita que a 'representação' é a própria 'realidade ontológica' daquilo que foi representado, abre um caminho epistemológico novo na história humana, que deixa de louvar e agradecer e passa a submeter e manipular a diversidade do mundo mais amplo, que agora deve espelhar o poder dos seres criadores de fetiches que somos. Para Bateson, hoje em dia, dado o contexto cultural dominado pelo binômio consumo-mercado, mesmo tradições religiosas unificadoras em sua origem sofrem essa influência e tendem a incorporar a epistemologia da magia que separa o eu dos outros.

³ Descoberta no mesmo ano em que se iniciava a Primeira Guerra Mundial (1914) por três jovens irmãos, precursores da tradição de exploradores amadores cientificamente orientados na busca de tais tesouros, muito popular França – *et pour cause!*

⁴ Alerta epistemológico de Alfred Whitehead que Bateson não se cansa de lembrar.

As pinturas paleolíticas, talvez por sua configuração originária, fornecem um corpo de registros no qual as duas epistemologias – a religiosa/unificadora e a mágica/separadora – convivem. Importante remarcar que são poucas as cavernas que possuem figuras antropomórficas que nós apelidamos de “feiticeiros”, e em geral apenas uma ou duas, enquanto as figuras de animais de várias espécies, em repouso e em movimento, se contam as dezenas e centenas e milhares.

As mais antigas cavernas paleolíticas com pinturas parietais conhecidas em 1980, ano da morte de Bateson – como Trois Frères, Lascaux e Altamira - são do período do Paleolítico Superior chamado de **Magdaleniano**, entre 17.000 e 9.000 anos AP. Em geral, a maior parte dos animais nelas retratados eram realmente presas dos caçadores do período, que já possuíam armas de propulsão, como arpão e arco e flecha. Na verdade, os registros magdalenianos são capazes de ancorar tanto a explicação antropológica “clássica-evolucionista” de um ‘propósito mágico original’ quanto a de Bateson, que fala em uma “*forma de expiação, de unificação, pela matança*”, como ilustrado por este fragmento de pintura da gruta de Lascaux:



Caverna de Lascaux – 15.000 anos AP

É preciso chamar a atenção para o fato de que boa parte dos desenhos, pinturas e gravações paleolíticas não impacta o observador atual de forma desconcertante, esteticamente falando, ou seja, nem toda caverna é uma “Capela Sistina”, algumas lembram mais as primeiras brincadeiras infantis atuais de pintura com os dedos e mãos. Mesmo na ‘catedral’ da arte paleolítica – como é considerada a Caverna de Chauvet - encontramos registros desse tipo:



Mas algumas figuras e conjuntos de Chauvet nos levam a reconhecer a existência de um 'dom' que diferencia o artista do resto dos mortais, o 'dom' de produzir na ontologia do mundo mais amplo o que nomeamos Arte,⁵ 'dom' pronto e ativo 32.000 anos atrás, o dobro do tempo que nos separa das já ancestralíssimas Trois Frères, Lascaux e Altamira. O intrigante acervo da caverna, esplendidamente capturado pelo olhar do cineasta Werner Herzog em seu documentário (por vezes mais "fantástico" que qualquer ficção) sobre "*sonhos esquecidos*",⁶ será o foco de nosso "*loose thinking*" sobre a qualidade cosmopolítica imanente à arte parietal paleolítica, considerada 'a' primeira manifestação deste 'dom' tão especificamente humano.

Trinta mil anos atrás

O tesouro da Caverna de Chauvet foi preservado em seu esplendor geológico, paleontológico, arqueológico e artístico por um desmoronamento de rochas que bloqueou sua entrada vinte mil anos atrás. Além de sua extensão (400 metros pontilhados de corredores e salas), a singularidade das esculturas tectônicas de sua história puramente geológica e a riqueza de material paleontológico não-humano (esqueletos de mais de 150 ursos da caverna) bastariam para provocar estremecimentos cosmopolíticos sinceros nos humanos modernos:



<http://www.culture.gouv.fr/culture/arcnat/chauvet/fr/owpt10.htm>

Ou quem sabe a própria majestade do cenário tenha contribuído para sua escolha pelos artistas parietais do período **Aurignaciano**, entre 35 e 30.000 anos AP, quando o território repleto de cavernas do sul da França recebeu as primeiras pegadas dos Homo Sapiens. Uma das invenções dos aurignacianos foram os adornos corporais: conchas e dentes perfurados, braceletes, pingentes em osso, pérolas de marfim. No entanto, a magnitude da qualidade estética do testemunho parietal da Caverna de Chauvet é reconhecida pelos especialistas como o ápice artístico não só desse período específico, mas de todo o Paleolítico Superior, que durou 30.000 anos, umas 1.500 gerações, enquanto apenas 10 (dez) nos separam da época pré-revolução industrial.

⁵ Essencial lembrar, ao menos, o lugar que a estética – entendida como uma qualidade ontológica constitutiva do mundo natural e não como uma criação tardia do gênero humano – ocupa na epistemologia de Bateson "*Afirmar que as criaturas vivas possuem uma beleza imanente não é original, mas é revolucionário afirmar, como cientista, que as questões de beleza e feiura são formais, bem reais, e mesmo capitais para todo o sistema ecológico, político e ético no qual vivemos*" (Mente e Natureza). Ao mesmo tempo, a "Arte" e seus artistas criadores são responsáveis por um dos caminhos possíveis para a resolução dos *double binds* que infestam nossas vidas, ao lado do humor, da experiência religiosa, da brincadeira.

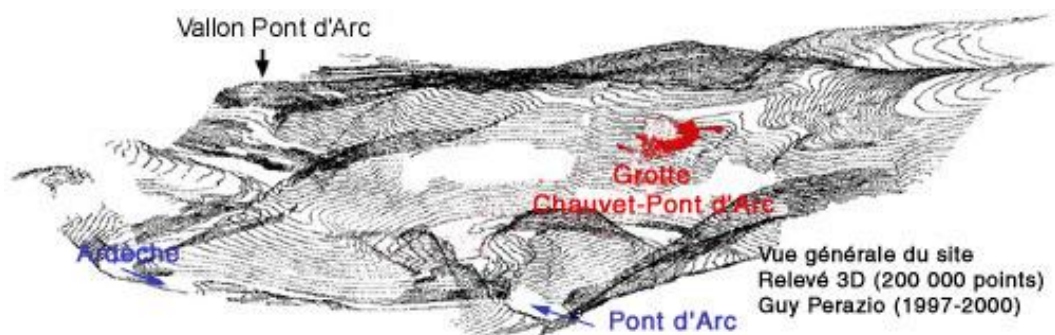
⁶ *A Caverna dos Sonhos Esquecidos*, disponível com legendas em português no endereço: www.youtube.com/watch?v=YQjjzjUAMqs.

Bateson não chegou a conhecer seus magníficos desenhos, em sua maioria de animais que não faziam parte da dieta dos humanos então, ao contrário do padrão da arte parietal magdaleniana: leões e leoads, ursos, rinocerontes, bisões e mamutes, cavalos selvagens. Também ao contrário dos seus descendentes de quinze mil anos depois, os aurignacianos de Chauvet ainda não conheciam as armas de propulsão, contando apenas com estiletes de osso e marfim para ajuda-los na caça, que por isso se restringia a animais menores: pequenos cervos (90% dos fósseis), cabritos, coelhos e roedores. Em pleno período glacial, a paisagem que circundava a caverna era a de uma savana recortada por matas nas galerias dos leitos dos rios, partilhada por todos esses e outros animais: raposas, corujas, e nas estações mais frias, renas e focas.

No dia 18 de dezembro de 1994, os três mais premiados espeleólogos franceses percorriam uma escarpa vizinha ao belo monumento geográfico de Vallon Pont d'Arc, no Rio Ardèche, buscando novas cavernas de interesse geológico ou arqueológico, frequentes na região. E, de repente, ao explorarem uma lufada de ar que cruzou seu caminho na estreita trilha já percorrida outras vezes, encontraram o mais espetacular e antigo sítio paleolítico descoberto até hoje, pela 'sacralizante' (no sentido de Bateson) qualidade artística dos desenhos ali preservados.



Vallon Pont d'Arc – Ardèche – França



Entrada da Caverna de Chauvet, tendo à frente um grande vinhedo em produção

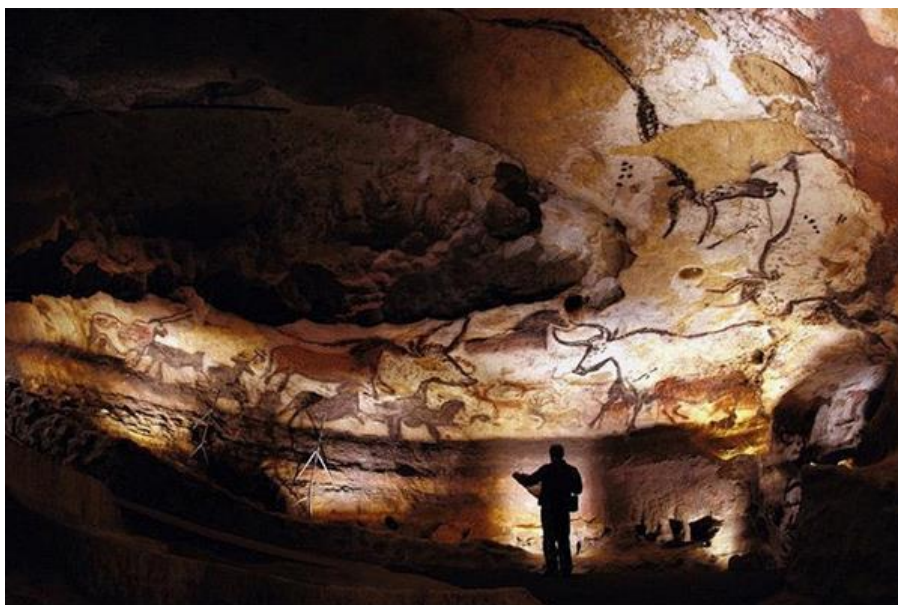
Ansiosos por protegerem o tesouro encontrado, eles colocaram sinalizadores de perigo na trilha, desviando outros andarilhos da entrada da caverna, batizada depois com o nome do líder da equipe, Jean-Marie Chauvet. Já no dia seguinte, o bureau do patrimônio arqueológico local foi avisado e dez dias depois, 29 de dezembro de 1994, o Ministério da Cultura em Paris montou uma expedição de reconhecimento, guiada

pelos descobridores. Em 18 de janeiro de 1995, exatamente um mês depois, a existência da gruta – já oficialmente decretada patrimônio público francês - foi revelada ao resto do mundo, enquanto a própria permanecia fechada para tudo e todos que a equipe científica encarregada de seu estudo e conservação indicasse.

A isso chamamos insurgência de um contexto de aprendizado cosmopolítico, capaz de silenciar a mente e "*fazer pensar*". Mesmo a mente cartesiana de cientistas não-batesonianos, como a da maioria dos especialistas selecionados (via Chamada Pública internacional!) para compor a equipe responsável pelos estudos dos múltiplos patrimônios de Chauvet: geólogos, hidrólogos, paleontólogos, químicos, espeleólogos, arqueólogos e especialistas em arte parietal. Talvez por isso, apesar do restrito protocolo de uso da caverna resultante da alta acuidade técnica e científica da intervenção executada (bem mostrados no documentário de Herzog), a equipe de pesquisa relata no sítio oficial da gruta na internet que tem o cuidado de "*convidar diferentes personalidades do mundo das artes, da etologia animal ou da pré-história, para que elas pousem seu olhar e desfrutem seus sentimentos*".

É como se a prodigiosa qualidade da obra "do" artista de Chauvet - dada sua similitude técnica e estética, a hipótese da própria equipe científica é de que **um único ser humano**, "*um mestre do traço animal*", foi responsável pelos desenhos com carvão, talvez os mais 'sacralizantes' da gruta - provocasse um estado de 'estupefação' capaz de invocar em quem a vê o idiota que habita o silêncio do pensamento-mecânico emudecido, essencial à démarche cosmopolítica. Os próprios cientistas responsáveis pelo projeto técnico admitem que "*a importância e a originalidade*" da gruta "*causou um choque*" na equipe. No entanto, embora reconheçam a importância artística ímpar do tesouro que têm em mãos, é impensável à ciência dualista e mecanicista que eles praticam incorporar essa dimensão estética como objeto de pesquisa. Essa clivagem cartesiana, que resolve o dualismo colocando um dos termos fora do universo "científico", será retomada ao fim da investigação.

Não se fará nenhuma análise estética ou antropológica das figuras do artista de Chauvet, mas é necessário rememorar algo de sua monumentalidade e encanto antes de prosseguir. A dimensão de alguns painéis ilustra essa grandiosidade do conjunto frente à figura humana que o olha, boquiaberta, agora como então:



Já a vivacidade de certos subconjuntos, principalmente os do "artista do carvão" – e os recursos técnicos usados para insuflar movimento e expressividade nos animais – desperta outro tipo de inquietação em nosso pequeno idiota, que chega a ouvir o barulho dos cascos do rinoceronte ecoando pela caverna:



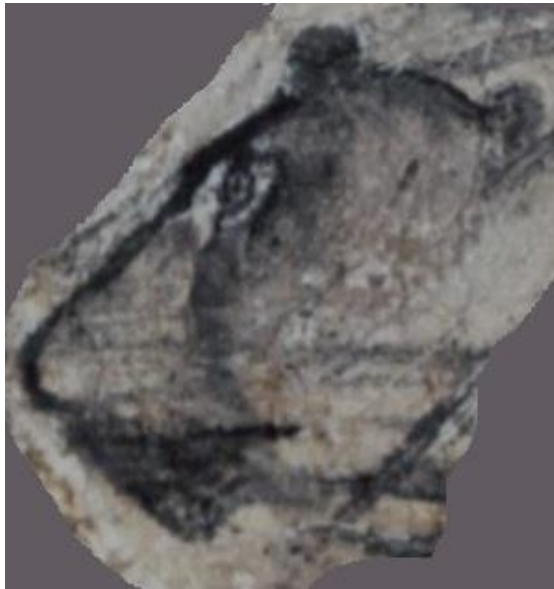
Um terceiro estremezimento idiotizante é provocado pela "Gestalt" de alguns de seus desenhos, que parecem capturar a "alma" de cada animal, dotando seu semblante de sentidos partilhados por nós, humanos, ainda hoje. Seu efeito provoca uma espécie de alteração de ordem temporal no observador, por meio da qual a magnitude extrema de sua antiguidade passa a espantar menos que a sensação do animal ter sido retratado por um artista ontem, como comenta um dos cientistas da equipe de Chauvet. As famosas cabeças de cavalo do 'artista do carvão', além de encantarem por tudo isso, revelam em detalhes pequenas diferenças que definem biologicamente quatro diferentes subespécies de cavalos da época: os ternos artistas aurignacianos eram também argutos conhecedores dos animais que retratavam.



<http://www.culture.gouv.fr/culture/arcnat/chaudet/fr/zmpt17-01a.htm>

E um quarto indício de uma configuração cosmopolítica imanente ao testemunho dos aurignacianos de Chauvet é a questão que em primeiro lugar chocou os superespecialistas da equipe científica: cerca de 60% "*do bestiário com figuras de rinocerontes, leões [europeus, sem juba] e ursos*" retratavam "**animais perigosos que não figuravam no menu dos paleolíticos**". Este indicador estatístico destoava do testemunho dos artistas magdalenianos, que desenhavam nas cavernas principalmente os animais que comiam, e constituíam até então o referencial empírico mais antigo conhecido, base da visão evolucionista Magia – Religião – Ciência adotada pelos cientistas de Chauvet.

Como uma cultura surgida 15.000 anos antes não expressava de forma ainda mais pungente essa "motivação" de cunho mágico? Por que tanto "investimento" (essa a palavra usada) em uma atividade sem relação (mesmo que 'mágica') com a sobrevivência imediata, presumivelmente ainda mais árdua? Que propósito haveria guiado as mãos dos artistas de Chauvet a desenhar leões, e ainda mais de uma proximidade quase íntima? Não havia zoom na época...



Leão europeu – Caverna de Chauvet

Essa nova evidência empírica, 15.000 anos mais antiga, contesta o esquema evolucionista hegemônico (no começo "era a Magia") e ao mesmo tempo reforça a idéia oposta de Bateson, de uma "*religião unificadora e digna original*". Com a "*ternura*" de seu "*totemismo empático*", Chauvet agrega outros sentidos ao registro do artista paleolítico, muito além da "*expição pela matança*", entre eles o fascínio, a admiração, a possível camaradagem com animais hoje considerados 'selvagens', quem sabe?

Se Bateson tivesse conhecido o acervo de Chauvet, ele certamente lembraria a etologia empática de Konrad Lorenz, pontuando a existência de outra relação e outra classificação possível para o que os superespecialistas nomearam "*animais perigosos*". Na verdade, o rinoceronte é herbívoro, não nos mira como presa e não via o aurignaciano como predador ou competidor: bordear as fronteiras da manada, com respeito cuidadoso, mas sem medo, talvez esteja mais próximo do comportamento de nossos ancestrais. Os leões e leoas, circundados por apetitosos cervos e fartos bisões, sem dúvida desprezavam como presa o animal sem carne, sem couro, sem pelos, sem duas patas, inofensivo, que por vezes se aproximava como nenhum outro.

Já o urso, retratado tão dócil, era mesmo vegetariano e usava a caverna de Chauvet – que abriga fósseis de mais de 150 indivíduos - apenas para hibernar, não se incomodando com a perambulação dos humanos que, embora carnívoros, supõe-se não ousavam se aproveitar do sono dos pacatos mamíferos, despertando a 'fera' que também os habita.



Até aqui, os registros etnográficos reforçaram a idéia da religião como "*antiga e unificadora*" do homem com o sistema mais amplo que o abriga. Em Chauvet, mais de 99,9999% dos desenhos são de animais do período ou de mãos e grafismos variados. Figuras humanas, já retratadas em profusão na cultura magdaleniana, não são representadas pelos aurignacianos, quinze mil anos antes. Mas, escondidas nos milhares de metros quadrados dos painéis, os cuidadosos cientistas de Chauvet descobriram cinco referências gráficas que representam, de forma esquemática e inconfundível, a vulva da ereta fêmea humana.

Quatro destas representações foram gravadas – não desenhadas ou pintadas - na própria rocha da parede. E o que volta a impressionar é a atualidade da representação, a sensação de que ela foi feita hoje, na face interior da porta de algum banheiro de estrada ou em um banco escolar, e não 30.000 anos atrás. No link a seguir, do Ministério da Cultura francês – fonte de quase toda informação veiculada nesse texto – é possível acessar uma animação que detalha a construção de duas das representações da vulva por um aurignaciano 'não-artista' na catedral de Chauvet:

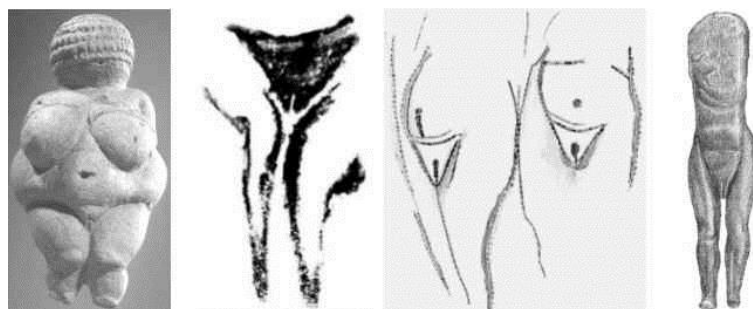


<http://www.culture.gouv.fr/culture/arcnat/chauvet/fr/zmpt21-02.htm>

Por que por um não-artista? Porque, se comparada à obra do 'artista do carvão' que silencia quem a vê, essas quatro 'vulvas' são tão 'banais' que devem ter sido feitas por um 'cidadão comum' aurignaciano, desprovido de qualquer 'dom' artístico. Não perguntaremos se elas têm um propósito oculto; uma relação epistemológica com as estatuetas das "Vênus Paleolíticas" (as primeiras produzidas por humanos, no mesmo período, só que na região sul da Alemanha); ou são uma manifestação do 'objeto do desejo' de jovens machos, presente em qualquer época e nos mais variados lugares habitados pela espécie.

As vulvas de Chauvet de forma alguma 'conspurcam' a dimensão cosmopolítica que o testemunho artístico da caverna provoca, trinta mil anos depois. Ao contrário, elas certamente temperam a magnificência do cenário, nos lembrando dos "imponderáveis da vida cotidiana", da diversidade de olhares que, hoje como então, dão estofo à vida social. Uma proposta cosmopolítica precisa incorporar, e não excluir, a multiplicidade de perspectivas dos humanos, então como hoje.

E assim chegamos a quinta e última vulva, diferente das demais. Desenhada a carvão, além do triângulo púbico, conta com um par de coxas fartas, as mesmas das pequenas "vênus" dos escultores alemães aurignacianos. Ocupa um pingente calcário na grandiosa "Sala do Fundo", cuja forma lembrava (ou passou a lembrar) uma barriga de mulher grávida. As pesquisas descobriram que em momento posterior outro aurignaciano coloriu de preto o triângulo púbico, até então apenas delimitado por linhas, como as pernas, e depois cuidadosamente escavou a pequena fenda da vulva na pedra.



Mesmo que os "triângulos púbicos" de Chauvet representem e invoquem a primeira suposta divindade de que temos registro – as vênus gordinhas, que desapareceram da história 25.000 anos atrás e só retornaram há bem pouco, sob a forma de tesouro arqueológico – seu referencial ontológico é da mesma estirpe dos leões, rinocerontes e cavalos do artista do carvão: uma vulva é um ente tão real quanto um animal. Ainda estamos em um mundo unificado, anterior ao surgimento do dualismo dos Feiticeiros mascarados magdalenianos, quinze mil anos depois?

Até a representação gráfica da vulva, sagrada ou profana, parece que sim. Mas, como pressunha Bateson: o verme já estava na maçã. Tempos depois, um terceiro aurignaciano – este sem dúvida com o 'dom' do artista, paleolítico ou contemporâneo – deu vida gráfica ao primeiro feiticeiro de que se tem notícia, incorporando ao conjunto inicial vulva- pernas uma figura que mescla cabeça de bisão e corpo de homem, intensa e precisa tecnicamente como outros desenhos de Chauvet.



Com o 'dito' feiticeiro, "um ser compósito, homem-bisão, que monta a vênus", (assim o nomeiam e descrevem os superespecialistas), terminamos nosso passeio por Chauvet voltando à afirmação de Bateson que o ensejou: os desenhos de homens-mascarados-de-animais que pontuam (quase sempre de forma única e discreta) os mais importantes sítios da arte parietal paleolítica são como o verme da maçã, presente desde o início em nosso horizonte de eventos. A epistemologia dualista não foi um atalho inventado, que poderia ter sido evitado, mas já estava, em germe, na própria ontologia humana, como ilustram nossos primeiros registros artísticos.

O artista, desde Chauvet, Lascaux, Altamira e Trois Frères, ao expressar/desenvolver o 'dom' de capturar a imagem dos seres do mundo, cria também a possibilidade de dar verossimilhança a desenhos de figuras até então inexistentes, mesclando animais em uma Gestalt humana, por exemplo, e inventando o feiticeiro e seus feitiços/fetiches. Dada as características da epistemologia humana, os seres assim imaginados acabam por tornar-se tão reais quanto uma realidade pode ser: afinal, o que quer dizer a frase "Papai Noel não existe", se pergunta Bateson para chamar nossa atenção sobre a dimensão ontológica engendrada pelas auto-validantes crenças humanas?

Retomando o artigo "*contra o dualismo corpo/mente*", procuramos concluir essa investigação com o encaminhamento que Bateson dá à diferença epistemológica entre o "*totemismo empático, terno, digno*" que brota dos desenhos de animais (identificado à religião unificadora inicial) e "*a santificação de personagens mascarados*" que acompanha as raras – mas poderosas em seus desdobramentos ontológicos – figuras "ditas" de Feiticeiro (identificada à magia separadora e degenerada).

O que nos leva onde os antropólogos temem caminhar: o dualismo natureza & cultura.

Hemisférios cerebrais: quando a ontologia é epistemologia ⁷

Por que duas epistemologias possíveis e divergentes em suas crenças a respeito do que o mundo é disputam a atenção de cada sujeito humano, desde os primórdios da história da espécie que se autodenominou *'húmus que sabe que sabe'* (tradução com licença poética)? Para responder à questão, Bateson – além de antropólogo, inicialmente biólogo, e de uma tradicional família de cientistas naturais não-darwinistas e ateus de Cambridge – se apoia na existência, já suficientemente conhecida e validada pela ciência hegemônica atual, de dois hemisférios cerebrais, o direito e o esquerdo, cujo modo distinto de processamento do real configura as duas epistemologias singulares que encontramos na Caverna de Chauvet, presentes e ativas na vida social trinta mil anos atrás, como hoje.

Ainda no artigo sobre o dualismo epistemológico, Bateson assim os define *"parece que, com poucas exceções, o hemisfério direito esteja na origem do chamamos 'processos primários' (...) [suas] metáforas não são e não podem ser qualificadas – elas não necessitam de qualificação. (...) Em todas as produções do cérebro direito, a qualificação é inerente à expressão particular de cada uma, sem necessidade de nada mais"* (US 387-388). O 'dom' do artista – pintor paleolítico ou poeta moderno – emana desse 'lado' do cérebro, que celebra a unidade e as semelhanças do que existe: *"o universo em um grão de areia"* de William Blake, não por acaso figura essencial à fundamentação teórica do pensamento de Bateson.

Já o hemisfério esquerdo funciona separando o que para o hemisfério direito é um todo interligado: *"eu penso que, eu vejo que, eu ouvi dizer que: são suas mensagens sempre no indicativo que emprestam falsa concretude aos dados. 'São seis horas' parece menos ambíguo que 'o tempo e o sino enterraram o dia'"* (US 387). Segundo Bateson, ao se deparar com as mensagens das cavernas paleolíticas ou dos poemas de T.S. Eliot (citado duas vezes no minúsculo artigo), que se bastam a si mesmas, ele formulará a seguinte pergunta:

'Como podemos dizer a mesma coisa na linguagem do cérebro esquerdo?' É impossível: a tradução da linguagem do hemisfério direito na linguagem do hemisfério esquerdo é teratogênica, ela engendra monstruosidades (US 388).

Essa irrupção de um dado essencialmente "biológico" – as diferenças entre os dois hemisférios cerebrais – precisa ser lida dentro do pensamento batesoniano, que embora reconheça singulares dimensões para natureza e cultura, as une em um mesmo campo científico de estudo, o das criaturas vivas (estrelas-do-mar, florestas de sequoias, o Senado americano); enquanto as separa da epistemologia não-viva da dimensão física (átomos, bolhas de bilhar e galáxias).

Para Bateson, a ontologia/epistemologia do hemisfério esquerdo vem ampliando sua hegemonia sobre as mentes e seus mundos desde a virada cartesiana-protestante. Mas as consequências desastrosas desse domínio se aceleraram com o advento da Revolução Industrial, que aproveitou a própria *"concretude deslocada de das mensagens sempre no indicativo"* para afogar a vida social em mercadorias enfeitadas.

⁷ Esse item remete ao livro *Mente e Natureza: a unidade necessária*, no qual Bateson requalifica a divisão clássica das Ciências: para ele, as C. Naturais e as C. Humanas formam um só bloco, o que estuda os seres vivos, ontológica e epistemologicamente diferenciados dos seres não-vivos (galáxias e bolas de bilhar), objeto das C. Físicas. Essa divisão recoloca em outro patamar o par de oposição natureza/cultura.

Uma geração depois da mensagem de Bateson sobre "*os suspiros venenosos e radioativos*" que nosso mundo-visão-de-mundo atual provoca no Deus-Eco, enfrentamos um agravamento da crise política de origem ecológica que a proposição cosmopolítica pretende reencaminhar, pois ela "*se propõe a acompanhar aqueles e aquelas que já efetuaram o 'movimento político' associado à ecologia política, e que assim aprenderam a rir não das teorias, mas da autoridade que as acompanha*" (PC 45). Isto é, as tais "*mensagens sempre no indicativo*" dos dualistas cartesianos.

Stengers também tem clareza de que a proposição cosmopolítica "*não faz estritamente nenhum sentido na maior parte das situações concretas atuais*", aquelas que procuram responder aos efeitos políticos e sociais dos eventos ambientais com a mesma epistemologia separadora e reducionista responsável pela criação dos problemas...

Cosmopolítica é para quem já abandonou o paradigma kantiano da "*paz da razão universal*": sua utopia é resistir a essa ordem "*responsabilizando-se pela memória de que vivemos em um mundo perigoso, onde nada é evidente*" (PC 56).

Prestar atenção à presença da idéia de "sagrado" – "*com o Deus-Eco não brinca*" - é uma indicação do pensamento de Bateson que, como dissemos, pode contribuir para a criação de contextos de aprendizado 'cosmopolíticos'. A seguinte conversa de Bateson com colegas ingleses em outubro de 1979 (meses antes de sua morte) ajuda a ilustrar a diferença epistemológica entre os dois hemisférios cerebrais com um contexto mais 'antropológico', com um exemplo oriundo do campo dos estudos comparados das religiões: a divergência "ontológica" que divide cristãos e protestantes quando o assunto é um frugal pão e um simples vinho. No mundo vivido pelo católico, o pão e o vinho **são** o corpo e o sangue de Cristo no sacramento da Eucaristia (hemisfério direito). No mundo protestante, eles **representam** – por isso, nunca serão – o corpo e o sangue do Salvador (hemisfério esquerdo). À pergunta profundamente hemisfério esquerdo '*O que é o sagrado?*', Bateson responde com a seguinte indagação:

Qual é a natureza desse debate? Para uma parte de nossa mente, não existe distinção entre os dois [enunciados]. 'Representar' e 'ser' são a mesma coisa. Mas a parte protestante, lógica, esquerda do cérebro não pode aceitar isso. A parte que sonha, aquela que os artistas mais usam, está pronta para aceitar o enunciado segundo o qual 'o pão é o corpo'; e é esta parte da mente que pertence verdadeiramente à Igreja. Em certo sentido, o protestantismo excluiu da Igreja a parte da mente que propriamente lhe pertencia, e a substituiu por uma lógica do bom senso e pelo desejo apaixonado de que tudo seja lógico (US 398).

Stengers investiga o mesmo contexto de negação do sagrado com o exemplo dos protestantes ingleses, habitados por uma verdade tão inabalável e vingadora que o próprio Cromwell é levado a gritar: "*My Brethren, by the bowels of Christ I beseech you, bethink that you may be mistaken!*" (PC 49).

Voltando à conversa de Bateson no seminário de Dartington, a pergunta seguinte é se ele estava tentando dizer que esforçando-nos em deixar tudo claro, lógico, linear, havíamos perdido a parte sacramental de nosso ser:

De jeito algum. O que nós perdemos foi essa completude da vida que integra os dois aspectos. Não acredito que possamos dizer que o lado imaginativo do cérebro, o lado do processo primário [hemisfério direito], seja o lado sacramental. Penso que nós espoliamos sem cessar o nível sacramental de nossas existências. Essa confusão provém da divisão. O sagrado é a reunião. **O sagrado é o vínculo, a ligação total, e não o resultado da separação** (US 398).

Como saber se algo é, ou deve ser considerado, sagrado? De forma semelhante, como identificar que determinado evento concreto é, ou pode ser considerado, cosmopolítico?

A pertinência desse tipo de questão, típica do hemisfério esquerdo, precisa ser encarada quando se visa o vínculo que resolverá o impasse com a visão do hemisfério direito, que 'sabe' quando algo foi sacralizante e por isso não precisa perguntar. No entanto, para não ser "teratogênico", o tratamento dado à resposta precisa levar em conta o "contexto do contexto do contexto": o de cada um dos hemisférios e o da síntese de suas divergências que pode ser considerada propiciadora da dimensão do sagrado, ou da cosmopolítica.

Para encarar esse desafio, Bateson criou os "Metalogues", conversas imaginárias de um pai com uma filha que pergunta coisas do tipo: "Por que as coisas se bagunçam?", "Por que os franceses são assim?", "Por que um cisne?", "O que é um instinto?", títulos de quatro dos sete que escreveu entre 1948 e 1969. O 'meta-logos' é uma conversa cuja própria Gestalt deve ilustrar o tema investigado.

Nosso tema – a noção de sagrado – é abordado no cativante "Por que um cisne?", de 1954, no qual o famoso balé Lago dos Cisnes é tomado como exemplo de metáforas e de sacramentos, campos de sentidos distintos que podem coexistir em uma mesma apresentação, obra de arte ou ritual religioso. Como a maioria dos adultos, mesmos graduados, "não consegue dar uma explicação razoável para conceitos como entropia, sacramento, sintaxe, tautologia, homologia, missa, metáfora", no precioso Glossário que fecha *Mente e Natureza: a unidade necessária*, Bateson definiu alguns desses conceitos. Sua definição para 'sacramento' – essencial para a compreensão do meta-logos sobre o conjunto jovem-bailarina/cisne/espectador é a seguinte:

Sacramento:

sinal exterior e visível de uma graça interior e espiritual

Já no final do metadiálogo, o Pai diz para a Filha que se para alguns o "pão e o vinho" (ou o balé) é apenas uma metáfora, para outros, "é *enfaticamente mais do que uma metáfora, trata-se de um sacramento*". E então a pequena filha faz "a" pergunta: "Bem, como você explica a diferença entre um sacramento e uma metáfora?". Uma vez mais, a citação é longa, mas pretende fornecer a Gestalt final para a conversa sobre arte paleolítica, cosmopolítica e epistemologia batesoniana:

Father: Wait a minute. We are, after all, talking about the performer of the artist or the poet, or a given member of the audience. You ask me how I tell the difference between a sacrament and a metaphor. But my answer must deal with the person and not the message. You ask me how I would decide whether a certain dance on a certain day is or is not sacramental for the particular dance. Well, I think it's a sort of a secret.

Daughter: You mean you won't tell me?

F: No, its not that sort of secret. It's not something that one must not tell. It's something that one cannot tell.

D: What do you mean? Why not?

F: You ask me how I would decide whether a certain dance on a certain day is or is not sacramental for the particular dancer. (...) Let us suppose I asked the dancer, "Miss X, tell me, that dance which you perform—is it for you a sacrament or a mere metaphor?" And let us imagine that I can make this question intelligible. She will perhaps put me off by saying, "You saw it —it is for you to decide, if you want to, whether or not it is sacramental for you." Or she might say, "Sometimes it is and sometimes it isn't." Or "How was I, last night?" But in any case she can have no direct control over the matter.

* * *

D: Do you mean that anybody who knew this secret would have it in their power to be a great dancer or a great poet?

F: No, no, no. It isn't like that at all. I mean first that great art and religion and all the rest of it is about this secret; but knowing the secret in an ordinary conscious way would not give the knower control.

* * *

D: Daddy, what has happened? (...) Now you are talking about mysterious secrets and control.

F: All right. I'll start again. The swan figure is not a real swan but a pretend swan. It is also a pretend-not human being. It is also "really" a young lady wearing a white dress. And a real swan would resemble a young lady in certain ways.

D: But which of these is sacramental?

F: Oh Lord, here we go again. I can only say this: that it is not one of these statements but their combination which constitutes a sacrament. The "pretend" and the "pretend-not" and the "really" somehow get fused together into a single meaning.

D: But we ought to keep them separate.

F: Yes. That is what the logicians and the scientists try to do. But they do not create ballets that way, nor sacraments (Steps 46-47).

Acredito que, da mesma forma, se algum hemisfério esquerdo quiser saber se você é cosmopolítica, a resposta "correta" deve ser a pergunta: "Como eu estive ontem à noite, na reunião?" ou "Algumas vezes sim, outras não." Como o bom idiota que "*coloca em suspenso os 'e agora...' dos quais nós, tão cheios de boa vontade, tão empreendedores, sempre tão prontos a falar por todos, somos os mestres*" - no qual Stengers nos convida a apostar nossas poucas fichas.

São Francisco da Guanabara, verão de 2014

Bibliografia

BATESON, Gregory - *Steps to an Ecology of Mind*. Jason Aronson Inc., Northvale, New Jersey-London, 1987, 535 págs

_____, *Mente e Natureza: A Unidade Necessária*. Rio de Janeiro, F. Alves, 1986.

_____, *Metadiálogos*. Lisboa, Gradiva.

_____, *Une Unité Sacrée - Quelques pas de plus vers une écologie de l'esprit*. Paris, Seuil, 1996.

_____ e RUESCH, Jurgen - *Communication e Societé*. Paris: Seuil, 1988.

_____ e BATESON, Mary Catherine - *La Peur des Anges*. Paris, Seuil, 1989.

RADCLIFFE-BROW, A. R. - "O Método Comparativo em Antropologia Social" [1951], in *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1975.

STENGERS, Isabelle. "La proposition cosmopolitique". In: J. Lolive & O. Soubeyran (orgs). *L'émergence des cosmopolitiques*. Paris: La Découverte. 2007. pp. 45-68.

Sítios:

<http://www.culture.gouv.fr/culture/arcnat/chauvet/fr/index.html>